

OS PONTOS MAIS IMPORTANTES: O QUE REALMENTE CONTA NO DEBATE SOBRE A IGUALDADE BÍBLICA

por Andrew Bartlett (tradução para o alemão: Hans-Jörg Ronsdorf www.frauen-vergebt-uns.de)

O debate acadêmico é extenso e pode ser bastante confuso, mas há alguns pontos importantes e centrais. Nas passagens-chave, as interpretações complementaristas se afastam da Sagrada Escritura ou acrescentam à Sagrada Escritura algo que na verdade não está lá.

INTRODUÇÃO

O debate entre complementaristas e igualitários é um *emaranhado* e um *pântano* de opiniões contraditórias sobre o que a Sagrada Escritura ensina. (Os “complementaristas” defendem que homens e mulheres são, sim, iguais diante de Deus, mas que é vontade de Deus que os homens liderem as mulheres, especialmente no casamento e na igreja. Os “igualitários” defendem que tanto homens quanto mulheres podem assumir funções de liderança.)

Fazem parte disso opiniões contraditórias sobre o significado de palavras e passagens da Bíblia, bem como opiniões contraditórias sobre o contexto histórico e cultural daquilo que a Bíblia diz.

A obra de referência dos complementaristas, *Recovering Biblical Manhood and Womanhood*, organizada por John Piper e Wayne Grudem, tem 684 páginas (edição impressa de 2021). A extensa obra de Grudem “*Evangelical Feminism and Biblical Truth*” tem 856 páginas. A recente série de vídeos de Mike Winger sobre o tema “*Women in Ministry*” tem uma duração de 43 horas.

Do lado igualitário ou mutualista do debate, o livro de Phil Payne “*Man and Woman, One in Christ*”, que se concentra exclusivamente nas cartas de Paulo, tem mais de 500 páginas. A terceira edição de “*Discovering Biblical Equality*”, organizada por Ron Pierce, Cynthia Westfall e Christa McKirland, tem 698 páginas.

Além disso, há inúmeros outros livros dos dois lados do debate – geralmente com 200 a 400 páginas.

Meu novo livro, “*True Complementarity: The way of Christ for men and women*” (a ser publicado em outubro de 2026), examina todos esses diferentes argumentos e, por isso, é mais ou menos tão extenso quanto a extensa obra de Grudem.

Se você tem tempo e vocação para estudar e analisar todo esse material, ótimo. Mas, se não tem, o que fazer? E o crente que já tem na vida tanto para dar conta quanto consegue suportar? E o pastor que já está ocupado demais e vive lutando para acompanhar o ritmo?

Meu objetivo neste artigo é extrair de todo o debate os pontos *importantes* e os pontos *mais importantes*.

Os *pontos importantes* são aqueles que levam com mais clareza a uma posição mutualista – uma posição de reciprocidade e de igualdade. Depois, dentre os pontos importantes, vou destacar os *dois pontos mais importantes*. São dois pontos centrais que, a meu ver, por si só, tiram o chão da posição complementarista. Se você tivesse um minuto para explicar por que os mutualistas rejeitam a posição complementarista, esses seriam os dois pontos que precisariam ser mencionados.

Minha esperança é que este artigo ajude os irmãos e irmãs complementaristas a chegar a um lugar melhor, a um lugar onde o céu acima seja de um azul mais suave e a terra abaixo de um verde mais agradável.

Primeiro, vou apresentar uma exposição positiva da posição mutualista.

Em seguida, vou explicar dez pontos essenciais em que a posição complementarista se afasta do que a Sagrada Escritura diz. Vamos tratá-los, de modo geral, na ordem canônica – mas não de forma totalmente exata, pois faz sentido distinguir entre casamento e ministério. Isso vai constituir a maior parte do nosso conteúdo.

Por fim, vamos destacar os dois pontos mais importantes. Um diz respeito à escolha de palavras de Paulo em 1 Timóteo 2:12. O outro diz respeito à ausência de instruções de Deus aos homens para fazerem o que os complementaristas prescrevem aos homens. No final do artigo, você vai perceber por que esses são os dois pontos mais importantes.

UMA VISÃO MUTUALISTA

Uma visão mutualista sobre homens e mulheres parte de uma base comum com a qual os estudiosos complementaristas concordam. Essa base comum é a rejeição da opinião tradicional majoritária sobre as mulheres.

Historicamente, as mulheres foram subordinadas aos homens. Como principal razão para essa subordinação apontava-se a inferioridade das mulheres – as mulheres eram consideradas inferiores por natureza e, por isso, deviam também ser subordinadas em sua posição. Por causa de sua inferioridade natural, deviam estar sujeitas aos homens em todas as áreas da vida – na sociedade e na vida pública, na família e na igreja.

A depreciação da inteligência e da capacidade moral das mulheres não era uma opinião marginal excêntrica. Era a visão predominante. Poderíamos citar grandes nomes da cristandade, como Clemente de Alexandria, Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero, Calvino e até mesmo Wesley.

Para ilustrar, uma citação do que o destacado teólogo puritano Richard Baxter escreveu em 1665. Ele aconselha os homens a considerar, antes do casamento, quanta paciência vão precisar diante da natureza das mulheres:

“Não é pequena a paciência que a fraqueza natural do sexo feminino exige de vocês. Com exceção de umas poucas que são pacientes e varonis, as mulheres em geral têm imaginação viva, são delicadas, passionais e impacientes, facilmente inclinadas à ira, ao ciúme ou ao descontentamento; além disso, têm entendimento fraco e, por isso, são incapazes de se corrigir a si mesmas. Elas se encontram entre o homem e a criança: algumas poucas têm mais do homem, e muitas têm mais da criança; mas a maioria se encontra apenas num estado intermediário.” (Baxter, A Christian Directory, parte 2: Christian Economics, cap. 1.)

Essa visão sobre as mulheres não é extrema. Ela é antes a regra.

Tanto os estudiosos mutualistas quanto os complementaristas rejeitam, com razão, essa visão tradicional. Ela não deriva da Palavra de Deus, mas da filosofia e da cultura humanas.

Na história da igreja houve vozes respeitadas que contradisseram a opinião majoritária. Assim, por exemplo, no século quarto, Basílio, o Grande, afirmou enfaticamente que as mulheres, por natureza,

são moral e intelectualmente iguais aos homens (Basílio, *Sobre a origem do ser humano*, discurso 1). Mas a opinião majoritária de que as mulheres seriam por natureza inferiores aos homens persistiu com muita teimosia.

Depois de muitos séculos de debate, especialmente do século 17 ao 20, a opinião majoritária na igreja finalmente havia mudado no fim da década de 1980. Ela se voltou para o reconhecimento da verdadeira igualdade da natureza da mulher com a do homem – moral e intelectualmente –, tal como ela se expressa na Sagrada Escritura.

O Senhor Jesus não desistiu de purificar a sua igreja.

Gênesis

A base para a visão corrigida sobre as mulheres é Gênesis 1:26–28, onde tanto homens quanto mulheres foram criados à imagem de Deus como co-governantes sobre a criação de Deus.

Ora, a igualdade como pessoas humanas plenas à imagem de Deus não significa que homens e mulheres sejam *iguais* no sentido de idênticos. Deus nos criou homem e mulher. Por isso, homens e mulheres são diferentes. Eles se complementam de verdade.

Justamente por causa das diferenças entre homens e mulheres, uso o termo “mutualista” em vez do termo “igualitário”. Infelizmente, algumas pessoas entendem mal o termo “igualitário” como a afirmação falsa de que homens e mulheres seriam idênticos.

Para isso precisamos da perspectiva da Bíblia:

- Ser humano à imagem de Deus é primário; ser homem e ser mulher é importante, mas secundário.

Lembremos que Deus criou os animais macho e fêmea. Os animais, porém, não foram criados à imagem de Deus. A imagem de Deus não está em nossa diferença sexual, mas em nossa humanidade.

Depois que, em Gênesis 1:28, homens e mulheres são designados como governantes em conjunto – onde o tema “domínio” é mencionado em seguida? Em Gênesis 3:16, onde os seres humanos se desviaram e desobedeceram a Deus. Deus adverte a mulher de que a consequência da desobediência será o domínio do homem (“ele te governará”).

Faz parte das realidades da vida que os homens têm mais força muscular do que as mulheres e que os homens não dão à luz filhos. Quando, portanto, as pessoas decidem desobedecer a Deus e colocar a si mesmas em primeiro lugar, isso em geral leva os homens a dominar as mulheres. Isso é Gênesis 3.

Mas o plano original de Deus em Gênesis 1 não era o domínio masculino (homens sobre mulheres), e sim o domínio conjunto (homens e mulheres sobre a criação).

O Antigo Testamento em geral

O Antigo Testamento testemunha que, onde o Espírito de Deus age, as mulheres são chamadas a assumir funções de liderança.

Podemos pensar em Miriã (Êxodo 15; Números 12; 1 Crônicas 6:3; Miqueias 6:4), em Hulda (2 Reis 22; 2 Crônicas 34) e especialmente em Débora (Juízes 4–5).

No Antigo Testamento, antes da época dos reis, há apenas três líderes instituídos por Deus que reúnem em si as funções de líder supremo do povo, de profeta, de juiz supremo e de comandante-

chefe: Moisés, Samuel e Débora.

Deus não é contra que mulheres ocupem posições de liderança. Pois as mulheres, assim como os homens, foram criadas à imagem de Deus.

Jesus

Na cultura judaica do primeiro século, as mulheres – como em outros lugares – eram consideradas moral e intelectualmente inferiores aos homens. Mas Jesus não tratava as mulheres como pessoas de segunda classe. Ele as acolheu como discípulas plenas ao lado dos homens.

Nos Evangelhos, Jesus ensina aos seus discípulos como devem viver. Em seu ensino, ele não faz distinção entre o modo de vida dos homens e o das mulheres.

Mas como explicar que ele tenha chamado doze apóstolos – todos homens?

Foi um procedimento ligado àquele tempo. Tratava-se de um símbolo que lembrava os doze patriarcas. No tempo de Jesus, já fazia centenas de anos que não havia mais doze tribos em Israel. O gesto simbólico de reunir doze homens ao seu redor mostrava que ele estava agora reconstituindo o povo de Israel ao seu redor.

A função temporária desse símbolo é confirmada em Atos 1, onde Pedro dá instruções para a sucessão de Judas. O sucessor tem de ser um homem que tenha pertencido ao grupo dos discípulos durante todo o ministério público de Jesus (At 1:21–22). Isso é único.

Há um contrapeso bíblico de igual valor ao simbolismo dos Doze. Ele aparece na ressurreição de Jesus. É a sua escolha deliberada de mulheres como as primeiras a testemunhar que ele havia ressuscitado dos mortos. Vemos isso nos relatos da ressurreição em Mateus 28, em Lucas 24 e em João 20. Esse ato simbólico mostra que a desgraça de Gênesis 3 está agora sendo reparada. Como disse Tomás de Aquino – aludindo a Eva, que levou Adão a comer do fruto proibido:

“Assim como foi uma mulher a primeira a anunciar as palavras da morte, assim também seria uma mulher a primeira a anunciar as palavras da vida” (Tomás de Aquino, Comentário ao Evangelho de João, lição 3 sobre João 20).

1 Coríntios 7

Em seguida, chegamos à passagem mais longa do Novo Testamento sobre o tema do casamento: 1 Coríntios 7.

Este é o único lugar da Bíblia em que se fala expressamente da autoridade no casamento e de como as decisões no casamento devem ser tomadas.

Em 1 Coríntios 7, o marido tem uma autoridade que a esposa não tem? Não. Eles são uma só carne. No versículo 4, Paulo usa exatamente os mesmos termos para a autoridade do marido e para a autoridade da esposa. A autoridade deles é recíproca.

Em 1 Coríntios 7, é o marido quem toma as decisões? Não. No versículo 5, Paulo diz que as decisões sobre passar tempo juntos em oração e sobre as relações sexuais devem ser tomadas de comum acordo. Isso é reciprocidade no casamento.

Efésios 5 e 1 Pedro 3

Em Efésios 5:21, Paulo chama todos os crentes à submissão mútua, em que cada um se sujeita aos outros.

Alguns intérpretes abrem uma exceção para os maridos em relação às suas esposas. Paulo, porém, não faz isso. Na Palavra de Deus não está estabelecida nenhuma exceção desse tipo.

Depois de chamar todos os crentes à submissão mútua no versículo 21, por que Paulo continua nos versículos 22–24 lembrando expressamente às esposas que se submetam a seus maridos? Provavelmente algumas esposas cristãs em Éfeso pensavam que sua posição de igualdade recém-adquirida com seus maridos em Cristo lhes dava um motivo para não se submeterem e não tratarem seus maridos com respeito. Paulo as lembra de se submeterem e de respeitarem seus maridos por temor a Cristo.

Nesta passagem, Paulo usa uma metáfora da cabeça para deixar claro como o marido deve se portar em relação à sua esposa. Não é uma metáfora de domínio, mas daquilo que poderíamos chamar de “papel de salvador” (veja 5:23). Ele está pensando: o que faz uma cabeça quando está unida a um corpo? Ela o nutre e cuida dele.

Sua metáfora da cabeça e do corpo se apoia na ideia corrente de que a cabeça nutre o corpo. Assim como Cristo, com amor abnegado, nutre o seu povo, com o qual está unido, assim também o marido é chamado a, com amor abnegado, nutrir e cuidar de sua esposa, com a qual está unido em uma só carne (5:25–33a).

Penso que Paulo aplica aqui o princípio estabelecido por Jesus:

“A todo aquele a quem muito foi dado – muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confiou, muito mais lhe pedirão. (Lucas 12:48)”

Os maridos dispõem de maior força física e de vantagens sociais. Por isso, carregam uma responsabilidade maior de amor abnegado e de serviço para com suas esposas. Esse é o significado de seu papel como cabeça.

O ensino de Pedro está em harmonia com o de Paulo. Em 1 Pedro 3, Pedro instrui os maridos a tratarem suas esposas com humildade e consideração e a lhes prestarem honra como coerdeiras da vida nova e eterna.

O ministério das mulheres no Novo Testamento

Se olharmos para o relato de como o Espírito Santo foi derramado no dia de Pentecostes e o lermos com atenção, podemos reconhecer a ação do Espírito Santo: mulheres, junto com homens, anunciavam publicamente os grandes feitos de Deus diante de um público misto de homens e mulheres (At 1:14; 2:1–18). Pedro explicou o acontecimento citando o profeta Joel: “Vossas filhas profetizarão” (At 2:17).

Assim como no Antigo Testamento, só que agora de modo ainda mais forte, o próprio Deus move mulheres a servir publicamente tanto a homens quanto a mulheres.

Em Atos, depois do Pentecostes, mulheres participam ativamente da propagação da mensagem de Jesus (At 8:1–4; 18:18–26; cf. “homens” em At 11:20).

Nas cartas, tanto o apóstolo Pedro quanto o apóstolo Paulo ensinam que o ministério se baseia em dons espirituais. Em 1 Coríntios 12, Paulo exorta os coríntios – homens e mulheres – a buscar com zelo os dons maiores de apóstolos, profetas e mestres.

Nas várias passagens que ensinam sobre os dons, não há nenhuma indicação de que Deus conceda dons de liderança ou de ensino apenas a homens (Romanos 12:3–8; 1 Coríntios 12:1–30; Efésios 4:11–13; 1 Pedro 4:10–11). Uma restrição desse tipo seria bastante surpreendente diante de Gálatas 3:28:

“Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (Gl 3:28)

Entre as mulheres dotadas do Novo Testamento estão profetisas como as filhas de Filipe (Atos 21:9), a diaconisa Febe (Romanos 16:1–2), as mestras Maria e Priscila, bem como a apóstola pioneira Júnias (Atos 18; Romanos 16:3–4, 6–7; Crisóstomo, Homilia 31 sobre a Carta aos Romanos).

Em 1 Coríntios 11, vemos que mulheres e homens, juntos, assumiam um papel ativo de liderança nas igrejas locais, profetizando e conduzindo a oração. Do mesmo modo, Paulo diz em 1 Coríntios 14:26 que “cada um” dá uma contribuição ativa de uma forma ou de outra, inclusive o ensino.

Isso é reciprocidade no ministério.

Apocalipse

A visão mutualista, segundo a qual homens e mulheres lideram ou reinam juntos, aponta para a grande visão de Apocalipse 5.

A visão de João descreve o resultado da grande obra de redenção de Jesus, o Cordeiro, que com o seu sangue comprou pessoas de toda tribo, língua, povo e nação:

“Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra!” (Apocalipse 5:10)

Com isso se cumpre finalmente o propósito de Deus para a humanidade – homens e mulheres como co-governantes –, que já vimos em Gênesis 1. Esta é a visão de que todas as pessoas que creem exercem, como sacerdotes de Deus, o seu domínio sobre a terra – não apenas os homens.

Esta é a mensagem positiva: reciprocidade no casamento, reciprocidade no ministério, homens e mulheres juntos como representantes de Deus.

UMA AVALIAÇÃO EM DEZ PONTOS DAS POSIÇÕES COMPLEMENTARISTAS

Para deixar claro: não questiono a sinceridade daquilo em que os irmãos e irmãs complementaristas creem. O que questiono, porém, é a exatidão dessas posições como reprodução fiel do que a Sagrada Escritura realmente diz.

Os mestres complementaristas concordam com os mutualistas em que as mulheres são seres humanos criados à imagem de Deus, assim como os homens. Ainda assim, dizem que os homens devem governar as mulheres de forma benevolente, liderá-las, exercer autoridade sobre elas ou tomar decisões por elas.

Eles não se apoiam no fundamento tradicional original para o papel de liderança dos homens. Já não se trata de as mulheres serem inferiores por natureza. Em vez disso, dizem que Deus atribuiu a

homens e mulheres “papéis” diferentes – no casamento, na igreja e talvez também na sociedade em sentido mais amplo.

Vamos percorrer os dez pontos em que comparamos a visão complementarista com o que a Sagrada Escritura diz.

Antes de fazermos isso, porém, devemos observar que a palavra “papel” não aparece na Bíblia.

Quando se reconheceu que a opinião tradicional majoritária da igreja sobre as mulheres estava errada, os complementaristas desenvolveram uma nova justificativa para submeter as mulheres à liderança dos homens, servindo-se da linguagem sociológica dos “papéis”.

Essa ideia dos “papéis” de homens e mulheres foi uma invenção do século 20. Nos comentários bíblicos do primeiro ao século 19 não se encontra nenhuma referência a ela. Mas, na edição de 1991 de *Recovering Biblical Manhood and Womanhood*, o termo “papel” é usado mais de 700 vezes.

Uma vez que Deus concedeu às mulheres as mesmas qualidades morais e intelectuais que aos homens e lhes deu dons de liderança, parece não haver nenhuma razão plausível para a suposta atribuição de “papéis” – e, no entanto, é exatamente essa atribuição que eles ensinam.

1) Gênesis 2 e 3

Segundo os estudiosos complementaristas, os capítulos 2 e 3 de Gênesis mostram que Deus destinou os homens a exercer um papel de liderança benevolente em relação às mulheres ou às suas esposas. Eles afirmam encontrar nesses capítulos “indícios” de liderança masculina.

Ao examinar a literatura correspondente, encontrei 13 pontos que diversos estudiosos apresentaram como indícios de liderança masculina nesses dois capítulos.

Para dar um exemplo: a mulher foi criada por Deus como “auxiliadora” do homem. Isso seria um indício que implica um papel de liderança masculina.

Se Gênesis tivesse sido escrito originalmente em inglês, talvez pudéssemos reconhecer nele essa implicação. Usamos a palavra “ajudante” (*helper*) geralmente no sentido de um assistente subordinado.

O livro de Gênesis, porém, foi escrito em hebraico. A palavra para “auxiliadora” é *ezer*. Em hebraico, diz-se com frequência que Deus é o *ezer* de Israel. Isso, porém, não é indício de que Deus tivesse feito de Israel o líder de Deus! Essa suposta implicação da palavra *ezer* não existe na língua hebraica.

Poderíamos agora percorrer todos os 13 supostos indícios e mostrar por que são problemáticos. O ponto decisivo, porém, é outro e bem mais simples.

O ponto decisivo é o seguinte: supostas insinuações não bastam.

Quando alguém afirma que os homens têm um dever dado por Deus de liderar as mulheres, temos o direito de perguntar: onde isso é ordenado aos homens? Onde se diz aos homens que esse é o seu dever dado por Deus?

Não existe nem um mandamento desse tipo aos homens nem uma declaração sobre o dever dos homens em Gênesis 2 ou Gênesis 3. Isso é um acréscimo à Sagrada Escritura.

2) O Antigo Testamento em geral

Segundo os estudiosos complementaristas, o Antigo Testamento mostra que Deus reservou o papel de liderança aos homens. Para isso, eles apontam para reis homens e sacerdotes homens.

Seria útil discutir por que seus argumentos baseados em reis e sacerdotes não se sustentam.

O ponto decisivo no Antigo Testamento, porém, é simplesmente que, na realidade, o papel de liderança não está reservado aos homens. Já constatamos a semelhança de Débora com Moisés e Samuel. A escolha de Débora por Deus como líder do seu povo contradiz a ideia de que Deus reservou o papel de liderança aos homens. Essa regra foi acrescentada posteriormente ao Antigo Testamento; ela não está contida nele.

E, caso alguém apresente este argumento... Não – não há no texto nenhum indício de que tenha sido de alguma forma um castigo de Deus para Israel impor-lhes uma líder bem-sucedida, sob a qual a terra teve paz durante 40 anos. Nem Deus nem o povo manifestam qualquer reserva em relação a Débora como líder.

3) Jesus

Poderíamos discutir longamente como Jesus tratava as mulheres e as diferentes teorias sobre por que Jesus escolheu doze apóstolos homens. O ponto decisivo nos Evangelhos, porém, consiste em dois fatos sobre o ensino de Jesus.

Fato 1: Jesus deu deliberadamente aos seus discípulos muitos mandamentos atemporais, que seriam importantes para as gerações futuras.

A Grande Comissão exige dos futuros discípulos que façam novos discípulos e “os ensinem a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mateus 28:20). Portanto, para sermos discípulos fiéis, precisamos prestar muita atenção ao que Jesus ordenou.

Fato 2: Entre os mandamentos atemporais que Jesus deu havia mandamentos sobre liderança, sobre casamento e sobre discipulado. Mas ele deliberadamente não deu nenhum mandamento dizendo que a liderança estaria reservada exclusivamente aos homens, seja na igreja, no casamento ou em outro lugar.

Os complementaristas acreditam que é importante que os homens liderem, pelo menos no casamento e na igreja. Mas parece que Jesus, nosso líder e Senhor, não compartilhava essa convicção. Se fosse importante, ele o teria ensinado. Ele não o fez.

4) 1 Coríntios 7

Seria esclarecedor discutir como o capítulo inteiro deixa clara a visão de Paulo da plena igualdade de direitos nas relações entre homens e mulheres. Para destacar o ponto central, porém, vamos nos concentrar apenas no versículo 5, em que Paulo instrui os casais cristãos sobre como devem tomar decisões sobre as relações sexuais e sobre o tempo de oração em comum – de comum acordo.

Os complementaristas precisam afirmar que essa instrução constitui uma exceção especial ao papel de liderança do marido e à sua responsabilidade de decisão.

Mas a ideia de uma exceção especial não faz sentido. Trata-se aqui de assuntos importantes – e até centrais. A relação sexual é a intimidade física que distingue o casamento de todos os outros

relacionamentos. Orar juntos é o coração espiritual de um casamento. Se as decisões nesses assuntos físicos e espirituais centrais devem ser tomadas de comum acordo, como pode fazer sentido argumentar que o marido deveria, de algum modo, assumir a liderança e tomar as decisões em outros aspectos menos importantes da relação conjugal?

Não há resposta plausível para isso.

Em 1988, a posição complementarista foi cuidadosamente redigida na Declaração de Danvers, que foi assinada por muitos pastores e teólogos conhecidos. Mas, neste ponto, a Declaração de Danvers simplesmente fracassa. Ela nem sequer reconhece a existência dessa importante passagem bíblica.

5) Efésios 5 e 1 Pedro 3

Há todo tipo de coisas interessantes que poderíamos discutir com boas razões em Efésios 5 e em 1 Pedro 3. Poderíamos discutir as visões opostas sobre o que Paulo quer dizer com sua metáfora da “cabeça” em Efésios 5:23. Poderíamos discutir as diversas explicações para a referência de Pedro a Sara, que chamou Abraão de “senhor” – o que ela murmurou baixinho para si mesma, num riso incrédulo (1 Pedro 3:6; Gênesis 18:12). Mas o ponto decisivo não exige que nos ocupemos com o que Paulo quis dizer com “cabeça” nem que interpretemos os detalhes da argumentação de Pedro. Pois o ponto decisivo não diz respeito ao que Paulo e Pedro dizem; *diz respeito ao que eles não dizem*.

Podemos percorrer Efésios 5 e 1 Pedro 3 em busca de uma instrução aos maridos para que dominem suas esposas, as liderem, exerçam autoridade sobre elas ou tomem decisões por elas. Mas não a encontraremos, porque tais instruções não existem.

Paulo exorta os maridos a amar suas esposas. Ele diz isso três vezes. Pedro exorta os maridos a tratar suas esposas com consideração e a honrá-las. Mas nenhum dos apóstolos dá aos homens as instruções que os complementaristas alegam.

A Declaração de Danvers apresenta o suposto dever dos homens de liderar suas esposas como muito importante. Ela afirma que a negligência ou a negação desse dever de liderança levaria a consequências destrutivas nas famílias (Declaração de Danvers, afirmação 10). Não é legítimo, porém, inventar um mandamento de Deus e afirmar que é muito importante para os homens obedecer a ele.

Quando os complementaristas dizem que Deus exige que os maridos dominem suas esposas, as liderem e exerçam autoridade sobre elas ou tomem decisões por elas, estão acrescentando à Palavra de Deus uma tradição dos homens.

6) O ministério das mulheres no Novo Testamento

Quando se trata do ministério das mulheres no Novo Testamento, a abordagem geral dos intérpretes complementaristas consiste em rebaixar ou minimizar o que as mulheres faziam.

Haveria muito a dizer sobre as fraquezas de suas interpretações. O ponto mais claro e mais importante, porém, é a dificuldade que eles têm com o exemplo de Priscila, que instrui Apolo em Atos 18.

Eles dizem: Ah, aquilo foi só uma conversa teológica particular entre alguns crentes quaisquer. Se, porém, levarmos em conta o contexto, essa explicação não basta.

Quem leu a história sabe o que acontece.

Uma equipe de plantação de igrejas de três pessoas chega a Éfeso – Paulo, Priscila e Áquila. Paulo pode anunciar o Evangelho na sinagoga e recebe ali reações positivas dos judeus. Eles querem que ele fique e continue ensinando, mas ele decide seguir viagem.

Então, quando ele segue viagem, quem ele deixa lá para cuidar do novo grupo de crentes? Têm de ser Priscila e Áquila. Eles são os dois membros da equipe que ficam.

Quando Apolo chega, Priscila e Áquila o ouvem falar e ficam preocupados. Embora seja instruído e um orador poderoso, Apolo precisa entender com mais exatidão o caminho de Deus. Então Priscila e Áquila o tomam à parte e o instruem.

Os comentaristas dos primeiros séculos entenderam muito bem que o nome de Priscila é mencionado antes do de seu marido porque ela era a mestra principal (por exemplo, Crisóstomo, Homilia 30 sobre a Carta aos Romanos; Crisóstomo, Primeira homilia sobre Priscila e Áquila).

Ora, por que o influente Apolo daria ouvidos a Priscila e Áquila ou sequer lhes daria atenção – ainda mais sendo a mestra principal uma mulher? Porque eles são colaboradores de Paulo, que ele deixou lá para instruir e acompanhar os novos crentes.

Quando eles corrigem Apolo, isso não é apenas uma conversa particular entre crentes quaisquer. Como membros da equipe que ficaram, responsáveis pelo cuidado espiritual dos novos crentes, eles exercem sua autoridade para corrigi-lo.

Lucas inclui essa história para mostrar como Paulo ampliava o seu ministério por meio das colaboradoras e dos colaboradores que ele havia formado. Ela ilustra o método que Paulo descreve a Timóteo em 2 Timóteo 2:2:

“o que de mim ouviste diante de muitas testemunhas, confia-o a pessoas fiéis, que sejam capazes de ensinar também a outros.” (2 Timóteo 2:2)

As pessoas fiéis, ou seja, os seres humanos fiéis, não são homens, mas mulheres e homens. Não há neste versículo nenhuma definição de sexo.

7) 1 Coríntios 11

1 Coríntios 11:2–16 é a difícil passagem bíblica sobre penteados ou coberturas de cabeça.

Paulo dá tanto a homens quanto a mulheres algumas instruções corretivas para quando eles conduzem a igreja profetizando ou orando em voz alta. Os coríntios sabiam o que se passava em Corinto e em suas igrejas; por isso, as instruções dele provavelmente não eram difíceis de entender para eles. Para nós, porém, é mais difícil. Discute-se muito sobre o contexto.

Os complementaristas usam essa passagem para a sua teologia do papel de liderança. Eles interpretam de maneira controversa a metáfora da “cabeça” de Paulo no versículo 3, acrescentam palavras ao versículo 10 e, com isso, distorcem o sentido, de modo que ele passa a dizer o contrário do que realmente está escrito ali.

Em meu novo livro, proponho uma interpretação deste capítulo, surgida com grande apoio de Phil Payne, na qual tudo se encaixa de modo coerente, e enumero oito pontos em que as interpretações complementaristas desta passagem estão em contradição com as palavras reais de Paulo.

Mas não precisamos entrar em detalhes aqui, porque o ponto decisivo, como foi dito, é muito simples. Seja qual for a interpretação da passagem, o fato claro e incontestável é que, em 1 Coríntios 11, Paulo não impõe limites à abrangência do ministério das mulheres.

Ele aprova que mulheres profetizem diante de homens e de mulheres. Ele aprova que mulheres orem em voz alta na presença de homens e mulheres. Ele não proíbe as mulheres de pregar, nem de ensinar homens, nem de exercer o ministério pastoral ou a liderança de uma igreja, nem qualquer outra atividade no ministério.

As restrições complementaristas ao ministério das mulheres estão ausentes desta passagem.

8) 1 Coríntios 14:34–35

Estes versículos dizem três vezes, de três maneiras diferentes, que as mulheres devem ficar em completo silêncio na igreja.

A tradução Elberfelder CSV (tradução alemã da Bíblia) traduz os versículos 34–35 da seguinte forma:

[1] As mulheres devem ficar caladas nas reuniões.

[2] pois não lhes é permitido falar, mas devem submeter-se, como também a lei diz.

[3] Se, porém, querem aprender alguma coisa, perguntem em casa a seus próprios maridos; pois é vergonhoso para uma mulher falar na reunião.

O mais notável nestas palavras é que elas não reproduzem a opinião do próprio Paulo.

Nos capítulos 11, 12, 13 e 14, Paulo ensinou como as contribuições faladas de homens e mulheres na igreja reunida devem ser ordenadas de acordo com os seus dons espirituais, para que suas contribuições aconteçam de maneira digna, amorosa e na devida ordem. Mas as mulheres não podem dar contribuições faladas de acordo com os seus dons se não lhes é permitido falar!

A maioria dos intérpretes complementaristas admite sem hesitar que Paulo não pode querer dizer o que estes versículos de fato dizem: que as mulheres devem ficar caladas na igreja e não podem falar.

A opinião complementarista predominante diz que Paulo pretende aqui proibir apenas um determinado tipo de fala das mulheres – a saber, julgar ou avaliar profecias, o que, na visão deles, contradiria o “papel de liderança masculina”. Mas essa opinião não se sustenta. Ela está em contradição com as palavras claras, que são enfáticas e irrestritas.

Se a tese de que julgar profecias seria proibido estivesse correta:

- então Paulo estaria enganando os seus ouvintes ao pronunciar, de modo claro e inequívoco, uma proibição completa de qualquer tipo de fala por parte das mulheres, embora supostamente pretendesse apenas proibir as mulheres de julgar profecias.
- então ele estaria enganando os seus ouvintes ainda mais ao repetir a proibição completa três vezes, para enfatizá-la de modo especial.
- então ele os estaria enganando ao dizer claramente que a proibição de falar vale quando as mulheres estão na igreja, embora supostamente quisesse que ela valesse apenas quando profecias são julgadas.

- então ele apresentaria, de modo ilógico, como único exemplo concreto de aplicação da proibição o fazer perguntas por desejo de aprender, que é uma atividade diferente daquela que ele supostamente quer proibir.
- então ele contradiria o que acabou de dizer no versículo 29 sobre quem deve avaliar as profecias. No versículo 29 ele diz que “os outros” devem julgar o que foi dito – isto é, os outros profetas devem julgar a profecia. Entre “os outros” estão tanto homens quanto mulheres.
- Na verdade, ele contradiria toda a ideia central do seu ensino nos capítulos 11 a 14, a saber, que cada membro da igreja deve dar uma contribuição de acordo com os seus dons espirituais – o que significa que mulheres com o dom da palavra deveriam usá-lo e não ficar caladas.

A regra de que as mulheres não podem julgar profecias não está contida no texto.

Eis o ponto decisivo: quando olhamos para o que estes dois versículos dizem com toda a clareza, podemos ter certeza de que estes dois versículos não reproduzem a opinião do próprio Paulo.

Há apenas duas possibilidades realistas para entender o que está acontecendo aqui.

A primeira possibilidade realista é que ele esteja citando um determinado grupo de opositores para contradizê-los naquilo que diz em seguida (nos versículos 36 a 40).

A segunda possibilidade realista é que os dois versículos sejam um acréscimo posterior, surgido quando uma nota de margem numa cópia antiga foi incorporada ao texto principal ao se copiar novamente a carta. Há outros exemplos disso nos manuscritos do Novo Testamento.

Por causa das características especiais dos manuscritos, que precisam de uma explicação, considero que a segunda teoria provavelmente é a correta – a teoria do acréscimo posterior.

A Declaração de Danvers sabiamente não se apoia nestes dois versículos. É uma reserva sábia, pois ninguém encontrou uma maneira satisfatória de interpretá-los de modo que reproduzam a opinião do próprio Paulo. Isso acontece porque estes versículos não reproduzem a opinião do próprio Paulo.

9) 1 Timóteo 2

Na Primeira Carta a Timóteo, Paulo escreve a Timóteo em Éfeso e lhe dá instruções sobre como lidar com o falso ensino e suas consequências.

A tradução inglesa da Bíblia mais popular entre os complementaristas é a ESV. Na ESV, 1 Timóteo 2:12 diz:

“Não permito que a mulher ensine ou exerça autoridade sobre um homem.”

A tradução alemã Elberfelder CSV o reproduz assim:

“Não permito, porém, que a mulher ensine nem que domine sobre o homem, mas que esteja em silêncio.”

Este versículo tem uma importância enorme no pensamento complementarista, pois justifica restrições gerais ao ministério das mulheres.

Os dois versículos seguintes – os versículos 13 e 14 – mencionam Adão e Eva. As interpretações complementaristas do versículo 12 entendem que Paulo estabelece uma regra geral de conduta – uma

regra fundamentada na vontade de Deus tal como revelada em Gênesis, na história de Adão e Eva. Eles creem que Paulo se refere a um princípio da criação da autoridade do homem sobre a mulher.

Há um debate importante sobre se Paulo aqui realmente se refere a um princípio da criação ou se, antes, remete à história de Adão e Eva para estimular Timóteo a usá-la como exemplo do perigo que surge quando uma mulher enganada ensina um homem.

Há também um debate importante sobre se “exercer autoridade” é uma tradução correta. Na minha opinião, uma tradução melhor seria “subjugar”, “dominar” ou “impor-se sobre”.

Há também um debate importante sobre o singular “mulher” nos versículos 11 e 12. Trata-se de uma pessoa específica em Éfeso que Paulo não quer mencionar pelo nome, ou ele está fazendo uma espécie de afirmação geral? Se está fazendo uma afirmação geral, quem são então as mulheres que formam esse grupo? São todas as mulheres ou são determinadas mulheres ricas, das quais ele acabou de falar nos versículos 9 e 10?

Há também um debate importante sobre por que a palavra “homem” no versículo 12 está no singular. Os complementaristas dizem que não há problema se uma mulher ensina um homem, como fez Priscila, mas que as mulheres não deveriam ensinar grupos de homens – o que Paulo não diz dessa forma.

Para os nossos propósitos, porém, a nossa atenção principal está na breve frase do versículo 12: “Não permito, porém”.

Em grego, são apenas duas palavras: *ouk epitrepō*, que, dependendo do contexto, poderiam ser traduzidas como “Não permito” ou como “Neste momento não permito”.

Penso que “neste momento não permito” combina melhor com o contexto, mas fiquemos com a tradução “Não permito, porém”.

Esta pequena frase, “Não permito” ou *ouk epitrepō*, representa um obstáculo intransponível para a interpretação complementarista. Pois a formulação de Paulo é uma indicação clara de que ele não está estabelecendo uma regra geral baseada na vontade revelada de Deus.

Deixe-me explicar.

Segundo a teologia complementarista da “liderança como cabeça” masculina, Paulo diz que é errado uma mulher exercer autoridade sobre um homem (v. 12) porque Deus criou Adão antes de Eva (v. 13), e dessa ordem da criação se deduz que, segundo o plano de Deus, é errado as mulheres terem autoridade sobre os homens. Daí se segue que uma violação do plano de Deus na criação, que prevê a autoridade masculina sobre a feminina, equivale a desobediência à vontade revelada de Deus para homens e mulheres.

Desobedecer à vontade revelada de Deus é pecado. Fazer isso conscientemente é rebelião contra Deus. Em conformidade com isso, a Declaração de Danvers diz que é pecaminoso quando as mulheres “resistem às limitações de seus papéis” (Declaração de Danvers, afirmação 4).

Mas, se Paulo está falando de algo que equivale a uma desobediência pecaminosa à vontade revelada de Deus, como devemos explicar a escolha de palavras de Paulo? Paulo não pode conceder nem negar permissão para pecar, para desobedecer a Deus ou para se rebelar. O teor da norma que os complementaristas afirmam que Paulo expõe está em contradição com a escolha de palavras de Paulo, “Não permito” ou *ouk epitrepō*.

Imagine que você fosse um líder cristão proeminente que – digamos – ensina a santidade da vida humana e a pecaminosidade do assassinato e fundamenta o seu ensino no livro de Gênesis, porque os seres humanos foram criados à imagem de Deus, como diz Gênesis 1:26–27, e também Gênesis 5:3 e, novamente, Gênesis 9:6. Você consegue imaginar seriamente dizer ou escrever o seguinte: “Não permito matar, pois Deus criou o ser humano à sua imagem”?

É difícil imaginar que até mesmo o papa falaria assim. Isso porque não cabe a você (nem ao papa) decidir se o assassinato é certo ou errado, e não lhe compete (nem ao papa) permiti-lo ou não permiti-lo. O assassinato contradiz a vontade revelada de Deus para os seres humanos. Desobedecer à vontade revelada de Deus é pecado.

Se, por algum motivo, você estivesse decidido a usar a palavra “permitir” para expressar a proibição, você transmitiria, pela despersonalização, que se trata de uma regra geral, como em “A Palavra de Deus não permite o assassinato” ou “Não é permitido matar”.

O exemplo do assassinato é adequado por causa da ligação com Gênesis. O assassinato é, naturalmente, um caso extremo. Mas, seja um pecado contra a vontade revelada de Deus maior ou menor – o ponto central continua o mesmo.

Ora, admito que Paulo escreve sua carta como apóstolo e, ao fazê-lo, exerce sua autoridade espiritual sobre uma igreja que ele mesmo edificou. Mas, mesmo que Paulo queira expressar uma proibição baseada na criação, que reflita a vontade revelada de Deus para homens e mulheres e cuja desconsideração seja pecaminosa e rebelde, a sua formulação, de negar pessoalmente a permissão, é extremamente estranha. Na verdade, ela é tão completamente inadequada que é difícil encontrar palavras que expressem suficientemente o quanto ela é estranha.

Como pastor, você não diria ao seu rebanho: “Não permito que vocês cometam adultério” ou “Não permito que vocês furem”.

A Bíblia é uma grande biblioteca de livros e contém muitas regras gerais de conduta, mas – sem surpresa – em nenhum lugar da Bíblia, de Gênesis ao Apocalipse, há uma passagem em que alguém formule uma proibição geral de uma conduta errada com a expressão “não permito” ou “neste momento não permito”. Isso é absolutamente sem precedentes.

O que os estudiosos complementaristas dizem em resposta a esta objeção fundamental? Como eles explicam uma escolha de palavras tão sem precedentes e inadequada para uma suposta proibição geral baseada no plano de Deus na criação para o homem e a mulher?

Examinei os escritos de estudiosos complementaristas, bem como os vídeos de Mike Winger, e não encontrei nenhuma resposta a isso. (Veja a nota final.)¹

A interpretação complementarista não se ajusta às palavras de Paulo.

A explicação óbvia para a escolha de palavras de Paulo é que ele não está expressando uma regra geral de conduta, nem uma proibição geral; em vez disso, ele impõe uma restrição a um determinado grupo de mulheres enganadas, para limitar os efeitos de falsos ensinos.

Como disse Tim Mascara: 1 Timóteo 2 não é uma planta-modelo, mas um curativo.
<https://timmascara.substack.com/p/reading-1-timothy-together-part-1>.

10) 1 Timóteo 3 e Tito 1

Em 1 Timóteo 3:1–7 e em Tito 1:5–9, Paulo apresenta listas de critérios de qualificação para presbíteros.

Alguns estudiosos complementaristas respeitados admitem que essas listas não excluem claramente as mulheres. Outros, porém, argumentam que as listas excluem, sim, as mulheres, porque Paulo usa nelas uma expressão que pode ser traduzida literalmente como “um homem que pertence a uma só mulher”. Essa expressão se encontra em 1 Timóteo 3:2 e Tito 1:6. Ela é traduzida de formas variadas, como “marido de uma só mulher”, “fiel à sua esposa”, “casado uma só vez”, “fiel ao seu cônjuge” ou “fiel no casamento”.

A lista em 1 Timóteo 3 se refere, mais adiante, à casa do candidato, e as duas listas se referem aos filhos do candidato.

Há uma discussão importante sobre se Paulo, em 1 Timóteo 3:2 e em Tito 1:6, usa linguagem masculina de forma genérica para designar qualidades que valem tanto para homens quanto para mulheres.

Poderíamos também discutir as possibilidades de tradução da palavra que introduz as listas – *dei* –, que pode significar tanto “é necessário” quanto “é conveniente”.

E há uma discussão importante sobre o contexto histórico:

- Se já no Antigo Testamento havia exceções ao papel de liderança masculina, e se já havia exceções na sociedade em geral, e se a atitude de Jesus e dos apóstolos em relação às mulheres era mais positiva do que a da cultura predominante, e se as mulheres recebiam e exerciam os dons do Espírito, e se nas igrejas havia mulheres proeminentes como Priscila, Júnio e Lídia, bem como Níne, Febe e assim por diante, então – se houvesse uma regra de que o presbiterato nas igrejas estaria vedado a todas as mulheres – isso teria de ser expresso com muita clareza, para que não pudesse haver nenhuma dúvida a esse respeito.

Mas aqui vem o nosso ponto central. A pergunta decisiva é: Paulo está dando indicações sobre candidatos adequados que Timóteo e Tito devem levar em consideração, ou está estabelecendo requisitos obrigatórios, indispensáveis em todos os casos para que uma pessoa possa ser considerada apta para ser presbítero na igreja de Deus? O nosso ponto central é que não faz sentido ler essas listas como listas de requisitos obrigatórios.

Lembre-se de que, em 1 Coríntios 7, Paulo escreveu sobre as vantagens da vida de solteiro para o trabalho a serviço do Senhor. A interpretação como requisitos obrigatórios teria como consequência que o próprio Paulo seria considerado inapto para o cargo de presbítero numa igreja local, já que ele não tinha esposa, não dirigia uma casa e não tinha filhos. E o mesmo valeria até para o próprio Senhor Jesus, que não teve esposa, nem casa, nem filhos. Isso seria uma conclusão absurda.

As listas não são exigências gerais e obrigatórias; são indicadores de candidatos prováveis, adequados de acordo com as circunstâncias.

Se as listas não podem ser usadas para excluir definitivamente pessoas que não têm cônjuge, filhos ou casa, também não podem ser usadas para excluir definitivamente as mulheres.

A nossa interpretação das listas como indicadores adequados às respectivas circunstâncias é confirmada pelas diferenças entre as duas listas. Como, por exemplo, a igreja em Éfeso está bem

estabelecida, Paulo pode dizer em 1 Tm 3:6 que o candidato não deve ser um neoconvertido. As igrejas em Creta, porém, onde Tito deve nomear presbíteros, são novas; por isso, na carta de Paulo a Tito não há tal exigência, já que isso impediria qualquer nomeação.

OS DOIS PONTOS MAIS IMPORTANTES

Vamos agora destacar, daquilo que discutimos até aqui, os dois pontos mais importantes.

A nossa escolha dos dois pontos mais importantes decorre daquilo que os próprios complementaristas consideram central para a sua posição.

Sem dúvida, 1 Timóteo 2:12 é o texto mais importante para as restrições complementaristas ao ministério das mulheres. Sua importância central é muitas vezes enfatizada, tanto por estudiosos quanto por mestres populares. Assim, por exemplo, George Knight diz em *Recovering Biblical Manhood and Womanhood* que o versículo 12 é a “declaração mais clara” que “insiste em que os homens são os líderes primários na igreja” (edição de 1991, página 359). Mike Winger diz em sua série de vídeos “Women in Ministry” que 1 Timóteo 2 é a passagem “mais clara” que restringe a função de liderança das mulheres na igreja (parte 12, *ALL The Debates over 1 Tim 2:11–15*, em 0:01 e de 9:00 a 9:01).

Por isso, acho bastante desconcertante que autores e oradores complementaristas não tenham resposta para a nossa objeção central ao versículo 12: o problema de que “não permito” não é a maneira adequada de introduzir uma regra geral de conduta que supostamente reflete a vontade revelada de Deus – uma regra geral cuja desconsideração seria pecaminosa.

Se esta é uma regra geral de Deus, então é Deus quem não permite que uma mulher ensine ou exerça autoridade sobre um homem – não Paulo!

Os complementaristas insistem em que se trata exatamente de uma regra assim – uma regra geral estabelecida por Deus. Mas então não faz sentido que Paulo diga: “Não permito”. Como isso pode ser uma decisão de princípio de Paulo, se é lei de Deus?

Os complementaristas consideram essa suposta regra de 1 Timóteo 2:12, que restringe o ensino e a autoridade das mulheres, como uma extensão de uma regra mais fundamental da autoridade masculina sobre a feminina. Como Adão foi criado primeiro, segue-se de algum modo que os homens são responsáveis por exercer autoridade sobre suas esposas e sobre as mulheres. O segundo dos nossos dois pontos mais importantes é o mais importante de todos, pois vai à raiz dessa regra mais fundamental.

O nosso ponto mais importante é a ausência total de qualquer ensino divino na Sagrada Escritura dirigido aos homens que diga que é tarefa dos homens governar as mulheres.

John Piper é, ao lado de Wayne Grudem, um dos principais arquitetos do complementarismo. Ele acredita que a Declaração de Danvers é “profética” e que ela “confronta homens que não estão dispostos a liderar suas esposas” (Piper, “The Current State of Complementarity”, site *Desiring God*, 2022). Segundo Piper, é “um pecado devastador” quando um marido deixa de dar liderança espiritual à sua esposa (*Recovering Biblical Manhood and Womanhood*, edição de 1991, página 44).

Mas, se a negligência do suposto dever do homem de liderar sua esposa ou as mulheres é um pecado devastador, por que, de Gênesis ao Apocalipse, nenhum profeta e nenhum mestre lembra

expressamente aos homens que eles têm esse dever?

Paulo não o disse. Pedro não o disse. Jesus não o disse. Deus não o disse.

Um sinal de alerta – uma bandeira vermelha

Para concluir, quero mencionar ainda algo que destaco em meu livro “Verdadeira complementaridade: o caminho de Cristo para homens e mulheres”.

Lembremos que há, de fato, uma passagem na Bíblia em que alguém dá a ordem de que os homens devem dominar as mulheres. Essa passagem se encontra no livro de Ester, e a ordem não foi dada pelo Deus verdadeiro nem em seu nome.

Ela veio de “sábios” pagãos. A ordem foi dada por um rei pagão furioso e vingativo. Sua rainha tinha se recusado corajosamente a obedecer à ordem que ele dera em estado de embriaguez, de ser exibida como um objeto em seu banquete de Estado e de ser olhada com cobiça por seus convidados bêbados.

Em Ester 1:22, a ordem do rei Xerxes é que todo homem seja senhor em sua própria casa, o que significa especialmente que todo homem deve dominar sua esposa (veja os versículos 16–20).

Depois que a ira do rei se acalmou, ele se dedicou a uma forma institucionalizada de exploração sexual. De cada província do seu reino eram trazidas para ele virgens fisicamente atraentes. Então, a cada noite, ele violentava uma jovem, uma virgem, que depois bania para a parte do seu harém destinada à “mercadoria usada” – para nunca mais ser vista, a não ser que a chamassem (Ester 2).

Assim era o homem que deu essa ordem. Um pagão, um estuprador em série, um criminoso sexual abominável – ele é a única pessoa na Bíblia que ordena aos homens que exerçam autoridade sobre as mulheres.

Um sinal de alerta mais claro é difícil de imaginar.

O seu abuso vil do poder masculino é uma sombria confirmação da advertência de Deus em Gênesis 3:16. O domínio dos homens sobre as mulheres é o resultado da desobediência humana. Não é um mandamento de Deus aos homens.

Para estudo adicional

For more on the traditional majority view of women’s inferiority, and its rejection, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapter 2.

For more on the complementarian concept of “roles”, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapter 7.

For more on Genesis 2 and 3, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapters 5 and 6.

For more on women in the Old Testament, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapters 7 and 8.

For more on Jesus, the Twelve, and the Gospels, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapters 3 and 4.

For more on 1 Corinthians 7, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapter 9.

For more on Ephesians 5, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapters 10 and 11.

For more on 1 Peter, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapter 12.

For more on the New Testament ministries of women, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapters 13 to 17.

For more on 1 Corinthians 11:2–16, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapters 18 to 20.

For more on 1 Corinthians 14:34–35, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapters 21 and 22.

For more on 1 Timothy 2, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapters 23 to 29.

For more on elders' qualifications in 1 Timothy 3 and in Titus 1, see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapter 30.

If you are concerned about the impact of culture on interpreting the Bible, and about “slippery slopes” (where one change of view leads to another), see True Complementarity: The way of Christ for men and women (Apollos, 2026), chapter 31.

CONTATO

Por favor, envie-nos suas perguntas ou observações pelo formulário de contato.

Notas

1. Sobre a ausência de uma explicação, veja Hurley, Man and Woman in Biblical Perspective, 1981: 200–2; Recovering Biblical Manhood and Womanhood, 1991: 180–1 (Moo); Knight, The Pastoral Epistles 1992: 140; Mounce, Pastoral Epistles 2000: 120–3; Grudem, Evangelical Feminism and Biblical Truth 2004: 65–9, 299–302; Blomberg, Two Views on Women in Ministry 2005: 168; Sandom, “Different by Design” 2012: 154–60; Köstenberger e Köstenberger, “God’s Design for Man and Woman” 2014: 205–12; “Women in The Church”, 3ª edição: 155–61 (Köstenberger), 188–90 (Schreiner); Smith, God’s Good Design 2019: cap. 2; Grudem, Systematic Theology, 2ª edição 2020: 1152, 1161; DeYoung, Men and Women in the Church 2021: 79–80; Kuruvilla, 1 and 2 Timothy, Titus 2021: seções 4.2.1–2. Yarbrough (The Letters to Timothy and Titus 2018: 175) não trata diretamente da dificuldade, mas diz que a ideia condutora de Paulo é “uma maneira cheia de tato de lembrar Timóteo da divisão de tarefas que vigorava no culto da igreja”. Isso, porém, não é convincente. Se fosse prática habitual de Paulo proibir o ensino por mulheres, não seria uma questão de tato lembrar Timóteo disso. Para comparação: era sua prática habitual condenar a imoralidade sexual, mas não se pode imaginar seriamente que ele, por tato, escreveria a Timóteo: “Não permito imoralidade sexual.” Além disso, o tato de Paulo nesta carta se mostra no fato de ele não mencionar pelo nome as mulheres ricas que se comportavam mal, ao passo que, em relação a Timóteo, ele é bastante direto do começo ao fim (veja 1:3; 18–19; 3:15; 4:6–7; 11–16; 5:1; 21–23; 6:2; 11–14; 20–21).

Na nota 309, Yarbrough cita duas passagens em que se usa “‘permitir’”, e elas reforçam a dificuldade: (1) Em 1 Co 14:34, “não é permitido” é uma voz passiva na terceira pessoa, o que se presta bem a expor uma regra geral estabelecida por uma autoridade competente, ao contrário de “não permito”; (2) Em 1 Co 16:7, Paulo diz que espera visitar os coríntios em algum momento, “se o Senhor o permitir” – o que o Senhor pode fazer num determinado momento, mas não em outro. Tratei deste problema com o “Não permito” em Bartlett, Men and Women in Christ: Fresh Light from the Biblical

Texts 2019: 220. Até onde sei, nenhum resenhista de orientação complementarista que se ocupou do meu livro deu uma resposta a isso. Alguém poderia apontar para o modo como os fariseus falam em Marcos 10:4 (“Moisés permitiu lavrar carta de divórcio”) e Jesus em Mateus 19:8 (“Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu divorciar-vos”). A referência diz respeito ao efeito da norma da lei mosaica em Deuteronômio 24:1–4, que proibia um homem que se divorciara de sua mulher de casar-se com ela novamente mais tarde; isso implicava que o divórcio era tolerado, e Jesus explica por que era assim. Mas aqui “Moisés” é uma forma abreviada de expressão que significa “a lei de Moisés”, e esses textos não usam a primeira pessoa (“Eu permito”). Na verdade, em nenhum lugar a lei mosaica diz “Eu permito” ou “Eu não permito”, e o próprio Jesus também nunca usa uma expressão assim quando expõe uma regra de conduta.